

POLITIZAÇÃO DAS MÁSCARAS: RESSEMIOTIZAÇÕES DA PROTEÇÃO FACIAL ENTRE OUVINTES DO PÂNICO (2020-2022)

POLITICALIZATION OF MASKS: RESSEMIOTIZATION OF FACIAL
PROTECTION AMONG PÂNICO LISTENERS (2020-2022)

POLITIZACIÓN DE MÁSCARAS: RESSEMIOTIZACIONES DE LA
PROTECCIÓN FACIAL ENTRE OYENTES DE PÂNICO (2020-2022)

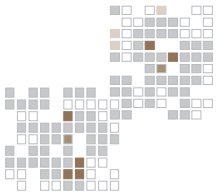
Eliza Bachega Casadei

■ Professora titular do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas do Consumo da ESPM. Doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2.

■ *Profesora titular del Programa de Posgrado en Comunicación y Prácticas del Consumo de la ESPM. Doctora en Ciencias de la Comunicación por la ECA-USP. Becaria de Productividad en Investigación del CNPq - Nivel 2.*

■ E-mail: elizacasadei@yahoo.com.br

229



RESUMO

Posto que as máscaras, durante a crise da Covid-19, se tornaram enunciados integrantes de arquivos discursivos nas produções midiáticas, o artigo tem como objetivo examinar a transformação das simbologias associadas à proteção facial em manifestações públicas nas redes sociais. Como objeto, foram escolhidos comentários dos ouvintes do Pânico entre os anos de 2020 e 2022. Como aporte metodológico, utilizamos a Análise de Conteúdo com o propósito de observar como as simbologias em torno da máscara foram transformadas ao longo do tempo, transmutando-a em um artefato de consumo revestido de perspectivas ideológicas e descontentamentos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: COMUNICAÇÃO; CONSUMO; POLITIZAÇÃO; MÁSCARAS.

ABSTRACT

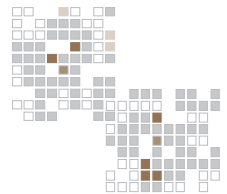
Given that masks, during the Covid-19 crisis, have become integral elements of discursive archives in media productions, the article aims to examine the transformation of the symbolisms associated with facial protection in public expressions on social media. As the object of study, comments from listeners of "Pânico" between the years 2020 and 2022 were selected. Methodologically, we employed Content Analysis to observe how the symbolisms surrounding the mask have changed over time, turning it into a consumer artifact imbued with ideological perspectives and social discontent.

KEY WORDS: COMMUNICATION; CONSUMPTION; POLITICIZATION; MASKS.

RESUMEN

Dado que las mascarillas, durante la crisis de la Covid-19, se han convertido en elementos integrantes de archivos discursivos en las producciones mediáticas, el artículo tiene como objetivo examinar la transformación de las simbologías asociadas a la protección facial en manifestaciones públicas en las redes sociales. Como objeto de estudio, se seleccionaron comentarios de los oyentes de "Pânico" entre los años 2020 y 2022. Metodológicamente, empleamos el Análisis de Contenido con el propósito de observar cómo las simbologías en torno a la mascarilla han cambiado con el tiempo, convirtiéndola en un artefacto de consumo revestido de perspectivas ideológicas y descontentos sociales.

PALABRAS CLAVE: COMUNICACIÓN; CONSUMO; POLITIZACIÓN; MÁSCARAS.



1. Introdução

Ao longo da crise sanitária da Covid-19, as máscaras faciais foram mais do que objetos de consumo ligados à prevenção da doença: elas se transformaram em objetos-narrativas, posto que, nas discussões da esfera pública, condensaram simbologias, sentimentos e discursos que deixam entrever percepções sobre o modo como os sujeitos interpretaram esse momento e o impacto sociológico da doença. As emissoras de rádio foram um dos atores relevantes desse processo, seja a partir da ressemiotização narrativa das máscaras em seus programas, seja através do incentivo aos comentários dos ouvintes em suas transmissões plataformizadas.

Para Santana *et alii* (2021, p. 43), “a constituição de sujeitos no período pandêmico da Covid-19 se insere em uma rede de modos de subjetivação que resgatam práticas discursivas singulares ao analisar as relações entre o uso de máscaras e a produção de sentidos na/pela história”. As máscaras produziram efeitos discursivos na esfera pública, tornando-se mais do que objetos de consumo, mas enunciados integrantes de um arquivo discursivo. As materialidades comunicativas desse consumo simbólico da máscara no rádio estão dispersas em suportes diversos como reportagens esquetes humorísticos e comentários nas redes sociais que transmitem esses programas de rádio, manifestando aprovação ou desaprovação quanto a seu uso.

O propósito deste artigo é examinar a transformação das simbologias políticas associadas à máscara facial, com especial atenção às alterações de sentido que ocorreram durante a crise da Covid-19 em manifestações públicas nas redes sociais. Como objeto de pesquisa, foram escolhidos os comentários de ouvintes do programa *Pânico*, manifestados em seu canal no *YouTube*, em diferentes momentos da pandemia. Serão analisados os comentários de duas transmissões por ano de *Pânico* entre

2020 e 2022, para que possamos verificar como os sentimentos públicos em torno do uso das máscaras foi manifestado neles.

Como aporte metodológico, utilizaremos a Análise de Conteúdo (Bardin, 2009), a partir da definição de categorias que se repetem nos comentários analisados, revelando tendências de ressemiotização do uso das máscaras na esfera pública. Para o recolhimento de dados, utilizamos o *Export Comments*¹ e, para o processamento das categorias, o software *Atlas TI*. Com eles, foi possível observar quais conteúdos se repetem no *corpus*, bem como os discursos e narrativas que mediatizaram as máscaras faciais não apenas como objetos de consumo, mas como objetos políticos, carregados de tensionamentos ideológicos.

A partir do pressuposto de que, para além do consumo utilitário das máscaras, observa-se reengendramentos simbólicos que, na esfera pública, revestiram o acessório de significados políticos amplos, nosso objetivo é observar como essas simbologias foram transformadas ao longo do tempo na crise sanitária. Mais do que um objeto de consumo, a máscara se tornou um instrumento retórico, um objeto de consumo-suporte, carregado de visões de mundo e de insatisfações sociais.

2. Máscara como objeto político

O período da crise de Covid-19 representa não apenas um momento de embates políticos, mas de enfrentamentos simbólicos, materializados até nas palavras que circulavam nas mídias. Souza e Silva (2022, p.175) chamam a atenção para o fato de que “o sintagma utilizado pela OMS quanto ao necessário afastamento para evitar a contaminação e a transmissão da Covid-19, é ‘distanciamento físico’”. No Brasil, “quando tais medidas foram discursivizadas

¹ Disponível em <https://exportcomments.com/>. Acesso em 10/08/2023.



em documentos institucionais oficiais e em meios de comunicação, o sintagma produzido é ‘distanciamento social’. Tais terminologias não vêm isentas de produções de efeitos de sentido distintos, posto que o termo mais utilizado pelos brasileiros direciona a atenção não só à pandemia, mas a um tipo de constituição social. Ao passo que o termo ‘distanciamento físico’ enfatiza a ideia de manter distância entre as pessoas a fim de reduzir a propagação de doenças infecciosas, o distanciamento social sugere uma abordagem mais ampla, que vai além da mera separação física. Ele engloba também a redução das interações sociais em geral, com implicações emocionais relacionadas às ideias de diminuição da conexão social.

O sintagma “máscara” também está carregado de implicações ideológicas. Durante o período da Covid 19, ela “deixa de ser um mero termo presente na língua e passa a ocupar o valor de enunciado que mobiliza determinadas formações discursivas e determinados acontecimentos discursivos e, justamente por isso, integra um arquivo” (Santana *et alii*, 2021, p. 49). Mais do que um objeto de consumo, as proteções faciais se tornam enunciados integrantes de uma memória discursiva que, materializada em produções midiáticas, é mobilizada a favor de argumentos e narrativas.

A utilização das máscaras “está profundamente ligada a práticas sociais e culturais e adquiriu uma variedade de significados pessoais” que estão ligados a aspectos amplos como “percepções individuais sobre o risco de infecção, interpretações sobre responsabilidade e solidariedade, tradições culturais e impressões religiosas, bem como a necessidade de expressar a identidade” (Martinelli *et alii*, 2021, p.1).

Para Silva e Silva (2022), as máscaras midiáticas se tornaram formas de “gestão (...) do conflito realizada sob o modo da dissensão”, ou seja, materializações de um espaço tenso

formado por discursos que reproduzem posições polêmicas. As estratégias linguístico-discursivas dos enquadramentos midiáticos transformaram a máscara em uma materialidade que engendra efeitos de sentido vinculadas às noções de subjetividade, objetividade, adesão ou desaprovação em relação a temas mais amplos da pandemia – para além das questões de saúde pública.

“Nos discursos afetados/contaminados pela pandemia na mídia, a máscara irrompe como um elemento comum, repetível, uma materialidade significando sujeito e espaço em relação a acontecimentos discursivos”. Os sentidos foram atados “não à palavra em si, mas em relação às condições de produção histórico-ideológicas, no ecoar das séries parafrásticas (e do deslize, significando diferentemente) nos jornais” (Brito, 2020, p. 466).

Em uma pesquisa sobre a abordagem midiática sul-coreana em relação à crise do pó fino e à epidemia de Covid-19, Kim (2021) observa que, em ambas as situações, a imprensa não apenas normalizou, mas também politizou a importância das proteções faciais. As máscaras foram apresentadas como símbolos para o fortalecimento de uma narrativa que identificava a China como uma ameaça externa (uma vez que o país foi responsabilizado pelo início das crises e pela escassez das máscaras). As proteções faciais também viraram veículos para discursos xenofóbicos, em articulações narrativas que culpabilizavam o governo sul-coreano por não impor a proibição de entrada a cidadãos chineses.

No Brasil, as emissoras de rádio desempenharam um papel significativo nos processos de ressemiotização da máscara. A partir de uma análise das fontes autorizadas a emitir opiniões sobre as máscaras nas emissoras *CBN* e *Band News*, Chagas (2023) aponta que as fontes da área de saúde tiveram um tratamento secundário em relação às fontes políticas oficiais.



Ferrareto (2022) assinala que as transmissões radiofônicas sobre o uso de máscaras foram atravessadas por opiniões relacionadas à política e à economia.

Este estudo não irá se concentrar no conteúdo das transmissões radiofônicas, mas sim, nos comentários feitos na página do *YouTube* por parte dos ouvintes, com o objetivo de observar como as ressemiotizações políticas das máscaras estavam sendo também ressemiotizadas pela audiência no canal do *Pânico no YouTube*.

3. Procedimentos metodológicos

O programa *Pânico* é transmitido desde 1993 pela Rádio Jovem Pan e é disponibilizado também no canal *Pânico Jovem Pan no YouTube*, com conteúdo idêntico nas plataformas. O *corpus* da pesquisa será composto pelos comentários

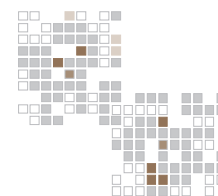
presentes no canal do *YouTube* da atração, porque se trata de um material adequado para que possamos analisar as percepções e simbologias públicas articuladas em torno do uso da máscara.

A escolha do *corpus* seguiu os seguintes critérios: (1) as materialidades discursivas deveriam estar disponíveis, por meio de acesso livre, em comentários do *YouTube*; (2) o período de publicação das produções vinculadas aos comentários analisados é referente a 2020 a 2022, com dois vídeos para cada ano analisado; (3) foram selecionados apenas os vídeos que citavam a palavra “máscara” no título. A partir desse critério, foi feita uma busca pela palavra “máscara” no canal do *YouTube* do *Pânico* e foram selecionados os dois primeiros vídeos que apareciam em cada ano:

Quadro 1

Título	Link	Publicação	Visualizações	Comentários
Especialista explica se as máscaras protegem contra o Coronavírus	https://www.youtube.com/watch?v=HElowXKfEWo	10/02/2020	116.000	283
Quem deve usar máscaras contra o Coronavírus?	https://www.youtube.com/watch?v=OaMDoTQOgpg	20/03/2020	30.341	65
Bolsonaro sério fala sobre promoção ganhe a dose e deixe a máscara	https://www.youtube.com/watch?v=wtRmluGqsCw	11/06/2021	6.388	31
Nikolas Ferreira: ‘comunista chamar quem não usa máscara de genocida é o cúmulo’	https://www.youtube.com/watch?v=4pAdZfGYMac	06/05/2021	101.051	401
Autoritarismo das máscaras nas escolas aumentam a desigualdade social? Samy Dana explica	https://www.youtube.com/watch?v=LnUIQrrKfzQ	10/03/2022	26.292	87
Jean Gorinchteyn: Fim de máscaras nas escolas vai acontecer junto com outros setores	https://www.youtube.com/watch?v=6NNq7rOXEwU	17/03/2022	3.704	32

Os comentários foram extraídos a partir do site Export Comments, no dia 30/07/2023.



Para a análise dos dados, utilizaremos a Análise de Conteúdo (Bardin, 2009) – que permite a sistematização e categorização de conteúdos relevantes e a identificação de padrões no material. O corpus perfaz 899 comentários e foi utilizado o Atlas TI para ajudar na observação e organização das categorias. A partir de uma leitura flutuante do corpus, foram definidas as seguintes categorias de codificação: a favor do uso das máscaras, agressão a outro usuário, apoio à autoridade médica, apoio a Bolsonaro, apoio à direita, apoio a Lula, contra o uso das máscaras, controle, crítica a Bolsonaro, crítica à direita, crítica à esquerda, crítica a Lula, crítica a todos os políticos, crítica aos governadores, injustiça social, questionamento da autoridade médica, questões de saúde.

Embora nosso intuito não seja analisar o conteúdo das reportagens veiculadas, mas sim, os comentários no YouTube, é necessário levar em consideração que o contrato comunicacional estabelecido por Pânico com sua audiência é relevante para entendermos o perfil do público que faz os comentários no canal. É sabido que, seguindo a linha editorial da Jovem Pan, o programa calca seu projeto editorial em um jornalismo de entretenimento, opinativo e conservador. Tal como apontado por Ferrareto (2020, p. 28), a emissora, desde meados dos anos 2010, fez “uma guinada à direita”, engajando-se “no antipetismo que emerge pouco antes do segundo mandato da presidente Dilma Rousseff”. É esperado, portanto, que o forte viés conservador e de direita tenha impacto

não apenas nas reportagens veiculadas, mas no perfil do público que comenta suas produções. Isso é particularmente relevante no caso do programa Pânico, movido por temas que têm o impacto de gerar polêmica como estratégia para atrair audiência.

A partir dos pressupostos expostos acima, iremos, a seguir, analisar os conteúdos mais frequentes nos comentários do YouTube dos ouvintes de Pânico, com um recorte específico no que se refere a processos de ressemiotização política das máscaras faciais.

4. Análise

4.1. 2020: Máscaras como questão de saúde em debates sobre eficácia

Para análise do material empírico, foram excluídos os comentários que não tivessem uma relação direta com a temática das máscaras faciais (como “kkkkk” ou emojis). Além disso, cada comentário pode ter mais de um código – como, por exemplo, quando um usuário se manifesta “a favor do uso das máscaras”, com a “preocupação com o coletivo” a partir de “questões de saúde”. Nesse exemplo hipotético, temos 1 única citação com 3 códigos associados. Com esses critérios, ao todo, foram obtidas 883 citações codificadas no corpus.

O primeiro dado que chama a atenção é que, nas primeiras reportagens analisadas, de 2020, as questões sobre saúde estão no primeiro plano das discussões. Ao longo do tempo, as questões políticas se tornam mais evidentes, como mostra o Quadro 2:



Quadro 2

	2020			To-tais
Política	6	272	44	322
Saúde	149	16	1	166
Outros²	189	130	76	395
Totais	344	418		883

Em 2020, 43% das citações às máscaras referiam-se a questões de saúde e apenas 1,7% abordavam questões políticas. Em 2021, apenas 3,8% mencionam questões de saúde, enquanto 65% politizavam o uso das máscaras. Em 2022, 0,8% das menções são relacionadas à saúde e 62% a questões políticas. Na sequência, iremos detalhar melhor esse processo.

As duas reportagens do corpus analisadas no ano de 2020 têm o mesmo viés informativo: o infectologista Jean Carlo Gorinchteyn é entrevistado e, embora defenda o uso de máscaras, afirma diversas vezes que ela não precisa ser utilizada em qualquer ocasião pública – apenas por profissionais de saúde e pessoas com sintomas gripais, em locais fechados e com potencial de infecção.

Os comentários presentes nas duas entrevistas disponibilizadas no YouTube revelam percepções sobre o uso das máscaras nesse momento inicial da pandemia. Das menções analisadas, a primeira questão que chama atenção é a pouca quantidade de comentários relacionados a questões político-partidárias (1%). As postagens dos ouvintes, em sua maioria, estão relacionadas a questões de saúde, bem como dúvidas sanitárias acerca da

Covid 19 – que, naquele momento, ainda era uma doença nova.

A maior parte dos comentários, inclusive (27%) se posiciona a favor do uso das máscaras em qualquer ocasião pública - 18% são contra seu uso e 55% usam tom neutro ou desviam do tema. A manifestação positiva em relação à máscara reverbera discursos já presentes em outros veículos de mídia (contrariando, inclusive, o especialista entrevistado por Pânico). A crítica à postura do programa e a outros veículos de imprensa foi um tema presente em 7,5% das menções (em afirmações como “Pânico o programa mais antigo do Brasil, e que também não evoluiu” e “A MIDIA MENTE!!”).

Como exemplos de comentário que expressam a importância das máscaras como instrumento de proteção coletiva, lê-se: “Não é só médico não nos não sabemos quem tem! então o cara tá com vírus e aí passa por nos ai nos ferramos” e “Todo mundo deve usar máscara para sua proteção SIM! Tem pessoas assintomáticas espalhando o vírus por todas partes”.

A autoridade médica, inclusive, é questionada em muitos comentários, de forma a desqualificar o entrevistado escolhido por Pânico (31% das menções) como: “médicos e autoridades podres que kerem deixar a população desprotegida pra q sobre máscaras pra eles..entendeu?” e “Especialista falou 1 kg e não respondeu 1 grama”.

É digno de nota o grande número de menções que desqualificam a autoridade médica no corpus. Embora, historicamente, ela tenha

2 Na categoria “Outros” estão inclusos os códigos “apoio à imprensa”, “crítica à imprensa”, “agressão a outro usuário”, “controle”, “injustiça social”, “religião”, “questionamento da autoridade médica” e “apoio à autoridade médica”. Optamos por classificar os últimos dois códigos em “Outros” porque, conforme mostraremos adiante, ora eles estão relacionados a questões de saúde, ora a questões de política.



funcionado como uma voz competente no jornalismo, em uma análise sobre a construção discursiva da autoridade dos profissionais de medicina durante a Covid-19, contudo, Granez e Carvalho (2020, p. 93) comentam que esse posicionamento da comunidade médica como porta vozes da Ciência ficou comprometido. A eclosão da Covid-19 “trouxe à tona o conflito entre a autoridade científica e a experiência individual” – o que tem como efeito a alimentação de estruturas de desinformação a partir dessa dinâmica. O discurso de alguns médicos, por vezes, remetia a um “discurso que denuncia a coerção e a pressão das instituições oficiais, que são elas, sim, tachadas de ideológicas e enviesadas politicamente” (Granez; Carvalho, 2020, p. 94).

Ainda que o discurso do médico entrevistado por Pânico aborde um posicionamento equivocado (o de as máscaras não precisariam ser utilizadas em qualquer ocasião pública), é patente, na percepção da maior parte dos comentários, a desconfiança da autoridade médica em geral. Mesmo nesse momento inicial, é possível perceber que as máscaras servem de suporte para narrativas mais amplas.

Embora haja um número pequeno de comentários que não estejam relacionados a questões de saúde, é possível observar alguns desvios desse assunto. Questões que abordam injustiças sociais relacionadas ao uso das máscaras estão presentes em 4,3% das menções, como nos exemplos: “Aqui no Rio de Janeiro estamos com falta da máscara N95”; “assaltos vão aumentar, estupros tbm mas nada tão sério não?” e “Uns comerciantes vão falir e pessoas vão perder o emprego por causa da histeria do vírus chinês”.

Ainda nos comentários contrários ao uso de máscara, contudo, são as questões sobre saúde que estruturam a maior parte das argumentações: “Todas máscaras são ineficientes, o vírus passa dançando pelos poros de qualquer uma”; “você está usando a máscara, põe a mão em

uma superfície infectada e põe a mão no rosto, infectado do msm jeito” e “A questão é o tamanho das fibras da máscara que precisariam ser menores que o vírus pra conter a contaminação”.

O corpo de dados obtidos permite inferir algumas questões, destacadas abaixo.

Ainda que comentadores (18%) se manifestem contrariamente ao uso das máscaras, os argumentos utilizados tanto pelos partidários da proteção facial quanto por seus detratores, abordam questões de saúde – mesmo que equivocados ou baseados em desinformação. São poucos os comentários (apenas 6 deles) que fazem referência a questões políticas para justificar o não-uso da máscara ou que desviem do tópico da entrevista.

Ainda assim, existem certas posições de sujeitos que, nos comentários, são validadas; e outras que são rechaçadas. Há, aqui, uma primeira formulação das características que definiriam sujeitos pandêmicos como “adequados” ou “inadequados” a partir do uso das máscaras, em posições antagônicas. A máscara serve como suporte para uma narrativa sobre “bons” ou “maus” sujeitos pandêmicos. O tópico discursivo que demarca essa linha pauta-se por um discurso sobre o que significa o corpo saudável e em um debate sobre as melhores formas de preservá-lo do vírus.

São as questões sanitárias e de saúde que demarcam o que significa cuidar de si e dos outros (ainda que em posições contrárias ao uso das máscaras), bem como pela responsabilização social da preservação coletiva. Mesmo os detratores da máscara não associam o objeto a um símbolo político, mas a narrativas sobre ineficácia e inutilidade das máscaras para o controle do vírus.

Com a maior parte dos comentários manifestando-se a favor do uso das máscaras (e pelo descrédito de profissionais que mitigam a importância do seu uso), as máscaras servem



como suporte para um discurso a partir do qual “evitar riscos poderia, assim, significar um ‘dever moral’, pelo qual os ‘bons’ cidadãos assumem a responsabilidade de (...) autorregular-se ‘voluntariamente’” (Gill; Lennon, 2022, p. 24). Esse controle de si, nesse momento, está restrito a questões sanitárias. As máscaras simbolizam prioritariamente “a ‘boa’ cidadania pandêmica através da adoção de um ‘sujeito pandêmico’ autorregulado e consciente do risco” (Gill; Lennon, 2022, p. 36).

O debate, nos comentários desse período refletem questões de saúde: ainda que, para alguns, os partidários da máscara sejam retratados como “responsáveis” e, por outros, como “ingênuos” ou “mal informados” sobre o vírus.

Outra característica importante desse momento é a quantidade de comentários que fazem uma agressão direta a um outro comentarista (9,3%). Esse clima beligerante entre os comentaristas vai se acirrar no próximo ano, quando as questões político-partidárias tomam conta do debate.

4.2. 2021: máscara como símbolo político-partidário

Se as questões de saúde foram mais evidentes ao longo de 2020, a análise dos comentários feitos pouco mais de um ano após a eclosão da crise da Covid-19, no Brasil, mostra que as simbologias suportadas pela máscara já estavam concentradas em outras posições-sujeito e narrativas políticas. Em 2021, os dois vídeos analisados possuem 432 comentários – que deixam evidente que a máscara se torna o símbolo de uma disputa ideológica-partidária. Nessas produções, 3,8% dos comentários mencionam questões de saúde, enquanto 65% politizavam o uso das máscaras.

Nesse âmbito, 18% das menções às máscaras deram suporte a uma narrativa de apoio e defesa do espectro político de direita; outros 2,3% de apoio explícito a Bolsonaro e 5,5% de crítica ao espectro político de esquerda, como em:

“A klorokina tira até a doença de esquerdismo do corpo”; e “Os comunistas seguem a risca a cartilha de Lenin, um dos ídolos da esquerda.

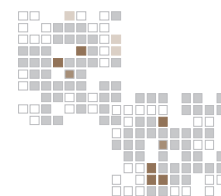
Outros 6% dos ouvintes aproveitam o espaço para se posicionarem contra Bolsonaro; 33,5% contra a direita; e 0,7% em apoio a Lula: “Pq esse bozo não morre logo” e “Presidente idiota.”.

Também 5% dos comentários posicionam-se contra todos os políticos, independente do matiz ideológico: “Porque a culpa é dos governadores e STF que deu autonomia para os mesmo agirem contra a Covid-19” e “Parece que o Pazuzzu foi visto fazendo um rolê então para rolê pode mas para depor para CPI não pode”.

Pouco mais de um ano depois do início da pandemia, portanto, as máscaras se tornam veículos para simbolizar uma adesão político-partidária em que o sujeito se insere - um símbolo do posicionamento do indivíduo contra ou a favor determinadas instâncias políticas, um símbolo de polarização política.

Além disso, se a crítica à autoridade médica foi importante no material analisado anteriormente, agora, ela pouco aparece (0,2%) – o que demarca a perda de importância da figura médica e das questões de saúde.

A narrativa suportada a partir do objeto-máscara passou a ser construída usando potenciais de significado menos convencionais em favor de interações semióticas multimodais mais implícitas (Gill; Lennon, 2022, p. 22). Isso porque os comentários deixam entrever que a máscara vira a simbologia não apenas de proteção, como no primeiro período analisado, mas de uma “ética” da existência (Santana et alii, 2021) política. “O encobrimento de parte do rosto parece se constituir em uma técnica que apaga traços de subjetividades e faz emergir outro modo de subjetivação que se dá na dimensão coletiva” (Santana et alii, 2021, p. 56). É a política, e não mais a saúde, que demarca os termos do debate e que instituem posições-sujeito que se manifestam



não a partir do cuidado de si, mas sim, da posição em um espectro político-partidário.

As categorias de conteúdo mais presentes em 2021 deixam entrever que a divisão entre o “bom sujeito pandêmico” e o “mau sujeito pandêmico” mudam em relação ao período anterior. Esses lugares actanciais não estão mais articulados em torno de questões de saúde pública, mas sim, na construção discursiva de uma posição-sujeito que abarca também posicionamentos políticos-ideológicos. Há um pacote amplo de narrativas que definem o bom sujeito pandêmico: ele não está mais pautado pelo indivíduo que cumpre (ou não) as medidas protetivas, mas sim, pelo modo como o sujeito se engaja nas questões político-ideológicas.

Isso se reflete também em um ambiente de comentários mais hostil, de forma que agressões a outros comentadores perfazem 20% dos comentários (ante 9,3% no período anterior). Isso é um indício de que as máscaras, nesse momento, servem de suporte a uma narrativa de que, agora, o inimigo é político – e não o vírus propriamente dito.

Tanto em 2020 quanto em 2021, observa-se narrativas, nos comentários, que representam o Outro como um risco em potencial. Trata-se de um afeto que “tende a construir a imagem da sociedade como coro tendencialmente paranoico, preso à lógica securitária do que deve se imunizar contra toda violência que coloca em risco o princípio unitário da vida social”, que não vem apenas de um risco exterior, “mas da violência imanente da relação entre indivíduos” (Safatle, 2016, p. 20). Porém, se em 2020, a máscara suporta discursos do Outro como um risco sanitário; em 2021, o Outro é um risco político, uma ameaça a um conjunto de princípios e valores.

Em 2022, observa-se uma nova tônica no debate sobre as máscaras, que irão suportar ainda outras posições-sujeito.

4.3. 2022: A máscara como suporte da raiva social

Em 2022, as simbologias relacionadas às máscaras não variam muito, em termos de temática, em relação aos comentários de 2021: (1) poucos comentários ligados a questões de saúde (0,8%) e muitos em manifestações de apoio ou repúdio a questões políticas (62%). Um elemento que se destaca, contudo, é um sentimento de revolta social mais exacerbado do que em relação ao período anterior. Não há nenhum comentário, no material analisado, que se posicione a favor do uso das máscaras: 18% se manifestam contra o seu uso e o restante possui um tom neutro ou desviam de assunto.

É mais comum, no período, que haja um desvio discursivo de uma questão de saúde ou de um posicionamento político-partidário em direção a situações sociais percebidas como injustas ou desiguais. Embora a crítica ao discurso dos políticos ainda seja importante, as injustiças sociais compõem um corpo maior de comentários (37%), como nos exemplos: “O pobre que continue lutando no transporte público né”; “Querem todos semi analfabetos para dominar e trabalharem pra eles tipo escravos legais perante as leis”; e “Quem vai pagar são as crianças consequentemente o país no futuro próximo”.

Os posicionamentos partidários se enfraquecem, dando espaço para uma crítica aos governadores ou aos políticos em geral (30% dos comentários, ante 7,5% que apoiam ou rechaçam um viés ideológico específico): “se tem uma coisa que eu não tenho, é político de estimação” e “Esses governantes tiranos não respeita a população”.

O “bom” ou “mau” sujeito pandêmico dá espaço para um outro tipo de discursividade associada à máscara, relacionada a má gestão dos políticos em geral. A narrativa de que o controle de infecção era responsabilidade das ações dos indivíduos se



enfraquece. A agressividade direcionada a outros usuários também é menos observada, de forma que, ao menos no corpus selecionado, não foi possível encontrar essa categoria de conteúdo. A raiva a outro usuário se direciona para uma raiva generalizada aos políticos, às injustiças sociais e à própria máscara em si.

A recusa ao uso das máscaras se manifesta, ainda, em comentários que relacionam o objeto a uma forma de controle social, de recusa às liberdades individuais. Neles, “a máscara se apresenta como uma tecnologia de apagamento da individualidade” (Santana et alii, 2021, p. 51), uma forma de controle social: “Com menos conhecimento é mais fácil tocar o futuro rebanho ao comunismo financiado pela China” e “A máscara foi uma vitória do escravos!”.

Esse tópico aparece em 7,5% dos comentários, em 2022, evidenciado a partir da repetição de termos como “focinheira” e “rebanho”. Para efeitos de comparação, em 2021, a questão do controle apareceu em 0,4% das menções e, em 2020, em 0,2% delas.

Em tais comentários, não é a saúde o elemento legitimador da argumentação, mas sim, a narrativa a partir da qual “esse novo código sanitário possibilita afirmar também que o sujeito não possui total domínio sobre seu corpo” de forma que o uso da máscara é interpretado como “resultante de uma regra superior, como um poder estabelecido sobre os corpos, como forma de controle social” (Santana et alii, 2021, p. 59).

A autoridade médica também é questionada, mas não mais por questões sanitárias, mas acusada de estar a favor dos políticos: “Puxa saco do Dória, vendido”. Esse tipo de argumentação está presente em 16,5% dos comentários do período. A máscara encorpa narrativas de uma raiva social mais ampla – em relação aos políticos e suas formas de controle (como a partir do discurso médico e do

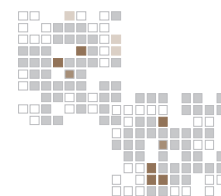
fomento às injustiças sociais).

Em 2022, as simbologias da máscara como proteção sanitária e cuidado de si ou como suporte para posicionamentos político-partidários se enfraquecem. Ela se torna o suporte simbólico para uma raiva social difusa, direcionada à má gestão política, às injustiças sociais e às formas de controle dos corpos. Os comentários manifestam uma ressemiotização política do objeto “máscara” em direção a posições-sujeitos indignados, mas estruturados a partir de uma indignação difusa, direcionada à própria vida política e ao descrédito das instituições.

5. Considerações finais

As ressemiotizações da máscara ao longo do período de crise da Covid-19 permitem observar como objetos de consumo podem servir como suporte para debates sobre as ações cotidianas que são legitimadas socialmente ou não; para a afirmação de posicionamentos político-morais; ou, ainda, como expressão de afetos sociais. A análise das categorias de conteúdo mais presentes no material analisado revela que as máscaras serviram de suporte para um conjunto de discursos sobre posições-sujeito que, embora vastos, sugerem certas regularidades.

Se, no período inicial da pandemia, ainda em 2020, o debate sobre o uso da máscara estava calcado em sua eficácia sanitária e questões de saúde pública, nos anos posteriores, a política assume a posição central. As máscaras, em 2021, servem como suporte para narrativas sobre a moralidade do sujeito que pertence ao espectro político da esquerda ou da direita. Por fim, em 2022, a máscara se torna um símbolo de raiva social, que se volta contra elementos como a má gestão política e as injustiças sociais articuladas a ela – ainda que essas injustiças sejam representadas a partir de um viés conservador.



Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BRITO, Vinícius. “Mascarados no espaço urbano: discurso jornalístico sobre Jornadas de Junho e pandemia de Covid-19”. *Rua*, v. 26, n. 2, 2020, p. 463-485.
- CHAGAS, Luãn. “As vozes autorizadas sobre a COVID-19 no radiojornalismo”. *Animus*, v. 22, n. 28, 2023, p. 156-171.
- FERRARETO, Luiz. “Ponderações sobre o exercício de outorgas de rádio em um cenário de crise institucional”. *Esferas*, v. 1, n. 23, 2022, p. 1-39.
- FERRARETO, Luiz. “Responsabilidade e negacionismo: apontamentos sobre o rádio brasileiro em tempos de Covid-19”. *Radiofonias*, v. 11, n. 2, 2020, p. 15-37.
- GRANEZ, Márcio; CARVALHO, Cristiane. “Informação versus desinformação: a crise sanitária da Covid-19 e o papel da autoridade médica na divulgação de conhecimentos científicos”. *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 9, n. 2, 2020, p. 80-95.
- GILL, Kyle.; LENNON, Henry. “Conformity Through Fear: a Multimodal Critical Discourse Analysis of COVID-19 Information Adverts”. *Critical Approaches to Discourse Analysis across Disciplines*, v. 14, n. 1, 2022, p. 22-44.
- KIM, Tae-Sik. “Mythologizing the face mask: How protective covers became political during the fine-dust and COVID-19 crises in South Korea”. *International Journal of Media & Cultural Politics*, v. 17, n. 2, 2021, p. 97-117.
- MARTINELLI, Lucia et alii. “Face Masks During the COVID-19 Pandemic: A Simple Protection Tool With Many Meanings”. *Public Health*, v. 8, n. 1, 2021, p. 1-12.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- SANTANA, Sarah. “Notas arqueológicas sobre o uso de máscara na pandemia”. *Heterotópica*, v. 3, n. 1, 2021, p. 43-63.
- SILVA, Marcelo; SILVA, Sueli. “Covid-19: discursos polêmicos sobre a obrigatoriedade vs.(des)obrigatoriedade do uso de máscara”. *Philologus*, v. 28, n. 82, 2022, p. 357-371.
- SOUZA, Mariana; SILVA, Naiara. “Ressignificação e resistência no sintagma ‘distanciamento social’”. *Fragmentum*, n. 59, 2022, p. 173-191.
-
- Artigo enviado em 13/09/2023 e aceito em 06/12/2023.

